



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA**

**RAYLLA ARAÚJO DA ROCHA**

**AS MULHERES ALÉM DA DOCÊNCIA E PESQUISA: REFLEXÕES EM VOLTA  
DA ESTRUTURA DAS COORDENAÇÕES DE MATEMÁTICA NAS INSTITUIÇÕES  
PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR DA PARAÍBA**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

RAYLLA ARAÚJO DA ROCHA

**AS MULHERES ALÉM DA DOCÊNCIA E PESQUISA: REFLEXÕES EM VOLTA  
DA ESTRUTURA DAS COORDENAÇÕES DE MATEMÁTICA NAS INSTITUIÇÕES  
PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Matemática.

**Área de concentração:** Educação Matemática.

**Orientadora:** Profa. Dra. Emanuela Régia de Sousa Coelho

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672m Rocha, Raylla Araujo da.

As mulheres além da docência e pesquisa [manuscrito] : reflexões em volta da estrutura das coordenações de matemática nas instituições públicas de ensino superior na Paraíba / Raylla Araujo da Rocha. - 2022.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Emanuela Régia de Sousa Coelho, Coordenação do Curso de Matemática - CCT."

1. Mulher - Gênero. 2. Instituições educacionais. 3. Matemática. I. Título

21. ed. CDD 371.822

RAYLLA ARAÚJO DA ROCHA

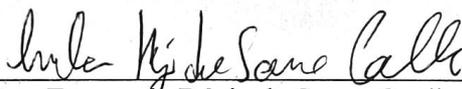
**AS MULHERES ALÉM DA DOCENCIA E PESQUISA: REFLEXÕES EM VOLTA DA ESTRUTURA  
DAS COORDENAÇÕES DE MATEMÁTICA NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO  
SUPERIOR DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Matemática.

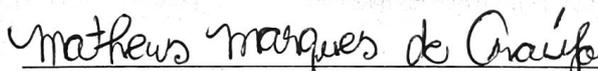
Área de concentração: Educação Matemática.

Aprovada em: 06/12/2022.

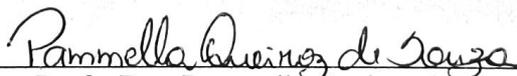
**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Dra. Emanuela Régia de Sousa Coelho (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Matheus Marques de Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Pammella Queiroz de Souza  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Aos meus pais e minha família, pelo apoio,  
incentivo e companheirismo, DEDICO.

“A beleza da matemática só se mostra a seguidores mais pacientes.”

Maryam Mirzakhani, a primeira mulher a ganhar a Medalha Fields.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Informações sobre o corpo docente nas Graduações em Matemática na Paraíba.....	16
Tabela 2 –	Informações sobre o corpo docente das Pós-Graduações em Matemática na Paraíba.....	17

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Composição de Coordenações de Cursos de Graduação em Matemática.. 17
- Quadro 2 – Composição das Coordenações de Cursos de Pós-Graduação em 18  
Matemática.....
- Quadro 3 – Composição das últimas três gestões Coordenações de Cursos de 19  
Graduação em Matemática.....
- Quadro 4 – Composição das últimas três gestões Coordenações de Cursos de Pós- 20  
Graduação em Matemática.....

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Gênero.....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 A mulher no trabalho .....</b>	<b>11</b>
<b>2.3 A mulher na Matemática .....</b>	<b>12</b>
<b>2.3.1 O trabalho da mulher na Matemática.....</b>	<b>13</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4 ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DAS INSTITUIÇÕES .....</b>	<b>15</b>
<b>5 LEVANTAMENTOS .....</b>	<b>16</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

**AS MULHERES ALÉM DA DOCÊNCIA E PESQUISA: REFLEXÕES EM VOLTA DA ESTRUTURA DAS COORDENAÇÕES DE MATEMÁTICA NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR DA PARAÍBA**

**WOMEN BEYOND TEACHING AND RESEARCH: REFLECTIONS ON THE STRUCTURE OF MATHEMATICS COORDINATION AT PUBLIC HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS IN PARAÍBA**

Raylla Araújo da Rocha\*

**RESUMO**

Atualmente, em todos os ambientes sociais, sejam eles de comunicação, políticos, educacionais, particulares e públicos, é possível ver um crescente debate a respeito de questões sociais diversas que antes eram negligenciadas. As distinções de gênero, por exemplo, e como elas impactam a vida de mulheres em diversos espaços, tem se tornado um tema que proporciona valiosas discussões. No ambiente matemático, entretanto, é notório que algumas delas são pouco abordadas, dentre esses pontos, está a representatividade feminina no meio Universitário. Embora a população de mulheres em sala de aula, seja como discentes ou docentes, em publicações e em posições de administração tenha aumentado, o debate que retrata e discute essas questões isso ainda está no seu engatinhar no Brasil. Diante disso, o presente documento, com uma abordagem qualitativa e quantitativa, tem como objetivo proporcionar uma reflexão perante a distributividade de cargos na gestão de cursos de Matemática e como as relações de gênero estão ligadas a mesma. Assim, é elaborada uma fundamentação pautada em questões o gênero em diferentes ambientes, descrevendo como funciona a distribuição de cargos de gestão dos cursos de Matemática, apresentando os dados obtidos, fazendo uma descrição e discussão acerca dos dados, que são significativos para a compreensão crítica de como as mulheres ainda são postas em padrões.

**Palavras-chave:** Mulher. Gênero. Instituições educacionais. Matemática.

**ABSTRACT**

Currently, in all social environments, be they communication, political, educational, private and public, it is possible to see a growing debate about various social issues that were previously neglected. Gender distinctions, for example, and how they impact the lives of women in different spaces, has become a topic that provides valuable discussions. In the mathematical environment, however, it is clear that some of them are little addressed, among these points is the female representation in the university environment. Although the population of women in the classroom, whether as students or professors, in publications and in management positions, has increased, the debate that portrays and discusses these issues is still in its infancy in Brazil. Therefore, this document, with a qualitative and quantitative approach, aims to provide a reflection on the distribution of positions in the management of Mathematics courses and how gender relations are linked to it. Thus, a foundation based on gender issues in different environments is elaborated, describing how the distribution of management positions in Mathematics courses works, presenting the data obtained, making a description and discussion

---

\* Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Endereço eletrônico: raylla.rocha@aluno.uepb.edu.br.

about the data, which are significant for the critical understanding of how women are still held in standards.

**Keywords:** Women. Genre. Educational institutions. Math.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao pensar nas características da sociedade de maneira geral, é fácil perceber a existência de inúmeros traços e subjetividades que, de certa forma, moldam continuamente a personalidade de cada indivíduo. A partir da concretização do que é correto ou não, é possível apontar e analisar a forma como as qualidades e os defeitos humanos impactam a coletividade.

Uma das características que mais se destacam é a distinção entre as pessoas, a qual pode-se elencar bons motivos para sua relevância na sociedade. No entanto, é fácil notar que quando se é tratada com exatidão e pautada em ideais que favorecem uma pequena parcela desse grande grupo social, criam-se alguns padrões, os quais novamente têm seus prós e contras.

Ao longo de toda a história da humanidade existiram as distinções de gênero em variados ambientes e aspectos que determinavam o que o indivíduo deveria ser e onde ele deveria pertencer. Os indivíduos femininos foram excluídos durante muito tempo de questões relacionadas ao livre arbítrio, ou até mesmo como se enxergavam, o que almejavam e questões político-sociais, como direitos a trabalho e estudo.

Atualmente, após diversas iniciativas voltadas à discussão da questão de gênero, é notória a mudança e melhora de discursos dos demais tipos de ideias, sendo importante destacar os movimentos feministas (SOUZA, 2010), onde é notada a presença de mulheres com mais frequência e, conseqüentemente, obtendo maior visibilidade e valorização nos mais diversos espaços.

Embora em todas as áreas elas tenham enfrentado desafios em relação ao pertencimento, alguns ambientes continuam demonstrando falhas. O ambiente *Science, Technology, Engineering, Arts, Mathematics* (STEAM) é um deles, nele se caracteriza uma sub-representação de mulheres da graduação até postos com maior notoriedade (BRINSBIN; WHITCHER, 2017).

Segundo Devlin (2004) Matemática, pode ser definida como estudo de padrões, nos quais é possível notar alguns deles, dentro das suas relações interpessoais, sejam elas em sala de aula entre professores e alunos, em seus discursos e, principalmente, na distribuição de mulheres em alguns setores na Matemática.

Um vislumbre simples: a maioria dos presentes em salas de aula, o maior número do corpo docente, presença em cargos de maior prestígio e com maior número de publicações são pessoas do sexo masculino. Como compreender esses padrões? É necessário ser feita uma discussão mais profunda, reflexiva e crítica. Do íntimo do significado de gênero e suas características, indo até como elas formulam os espaços e apresentam esses devidos padrões de distinções na Matemática.

A partir de estudos e levantamentos desenvolvidos através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), foram observadas algumas questões nos ambientes matemáticos e a necessidade de compreendê-las. A principal delas é como estão representadas as coordenações de Matemática, em relação ao gênero.

Para construir uma assimilação a respeito de todos esses aspectos, a discussão a seguir é desenvolvida em torno de questões relacionadas às distinções de gênero nos setores administrativos dos Departamentos de Matemática (ou equivalentes), iniciando-se a partir do entendimento do conceito de gênero, prosseguindo com uma descrição de como as mulheres estão inseridas em alguns ambientes, sendo eles o de trabalho, o da Matemática e o do trabalho na Matemática.

A partir disso, se tem a explanação a respeito funcionamento das estruturas administrativas e o levantamento desenvolvido no ambiente das Coordenações de Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Matemática, como também as Coordenações de Pós-graduação (*Lato e Stricto Sensu*) nas áreas de Matemática e Educação Matemática.

O objetivo do trabalho é promover uma reflexão em volta de todos esses contextos e enxergar, a partir dos dados levantados, como eles influenciam nos cenários das coordenações, que são vistos a partir dos dados levantados. Além disso, há uma pretensão de proporcionar uma maior visibilidade ao assunto, para que haja mais debates e discussões, reproduzindo um lugar com menos distinções de gênero nas gestões de Matemática.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Gênero

Quando se fala sobre gênero, este termo ainda é muito associado a sexo feminino e/ou sexo masculino, mas apesar de se ter várias definições e características referentes ao assunto, seu objetivo na prática, é justamente ser oposto a esse “estigma”.

Nicholson (1999) afirma que há duas formas gerais abordadas em relação ao conceito de gênero, muito embora contraditórias entre si: a primeira, quando é associado o termo ao sexo biológico, o sistema de gênero binário mulher/homem, este configura, automaticamente, o que uma pessoa será a sua vida toda, mulher ou homem, não levando em consideração a sua vivência.

É nessa visão que é imposto a cada indivíduo como agir perante a sociedade ao longo de toda sua vida, mesmo que ela/ele tenha interesse em aspectos que não fazem parte do seu sexo, pois ela/ele é mulher/homem, ou seja, é o momento que inicia a relutância a sentimentos internos para ser mais mulher/homem.

A consequência disso é direta, causando frustração e descontrole em sua auto aceitação e causa frustração, iniciando uma caminhada de tentativas de se encaixar em moldes, como muito se é dito e ensinado que meninos jogam bola e meninas brincam de boneca ou que meninos usam azul e meninas usam rosa.

Casos como esses, influenciam o indivíduo em quais ações ele deve escolher reproduzir, para suprir uma necessidade de “acertos” e ser aceito em algum grupo, em sua comunidade, sua família, etc., mas não para satisfazer seus anseios e buscar suas descobertas, proporcionando um autoconhecimento.

A segunda forma de abordar o gênero, busca fugir de qualquer concretização de personalidade e sexualidade, indo além do feminino e masculino. Para compreender essa relação, é necessário entender que a maioria de suas definições, dentre elas a de Nicholson (1999) e Louro (2008), é uma construção social de cada indivíduo, é como um ser diante da sociedade tem seu caráter, costumes, crenças, comportamentos e sexualidade formulados a partir de suas subjetividades.

É um fenômeno que está em constante construção, reformulando cada um desses aspectos a partir de cada experiência individual e coletiva. Diante disso, ao refletir sobre o assunto, como cada indivíduo teria uma personalidade completamente feminina ou masculina? Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1970), diz:

[...] não é o corpo-objeto descrito pelos cientistas que exige concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito. A mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea. [...] Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade. (BEAUVOIR, 1970, p. 59).

Abrangendo a frase acima em um contexto além da mulher, se pode considerar que cada indivíduo não é definido pela natureza, mas ele próprio se define pela natureza de suas vivências, experiências, subjetividades, é algo íntimo e ao mesmo tempo público.

Os traços “femininos” e “masculinos”, mesmo com variações em suas definições no decorrer do tempo, sempre foram aspectos definitivos para determinar o gênero e a sexualidade de alguém. A delicadeza, a fragilidade, o acolhimento e a submissão são alguns dos atributos que muitos consideram como femininos e designados às mulheres, da mesma forma que homens devem incorporar o destaque, a força, a frieza e a dominância, (BORDIEU, 1995).

Mas de acordo com as discussões de gênero, cada pessoa é feminina de acordo com o que ela define como feminino para si, assim como tem sua masculinidade a partir do que se define como masculino, e ambos, se assim o desejarem ser, femininos e/ou masculinos.

Desse modo, é compreendido que um indivíduo pode ter aspectos em sua personalidade que ele considera como femininos e masculinos, se definindo da maneira em que se reconhece. Desse modo, não é possível determinar um conceito fechado e definitivo para gênero, visto que cada característica em sua definição pode variar a cada pessoa, a forma como ele é uma base na vivência delas, torna-se única, sendo essa a forma que a ideia de gênero busca transparecer para a sociedade.

## 2.2 A mulher no trabalho

A participação de mulheres em diversos ambientes de trabalho tem avançado ao longo dos tempos. Fatores como a escolarização, por vezes, com melhor aproveitamento de mulheres, cerca de 73,2% (IBGE, 2018); tem refletido na expansão do próprio trabalho e a frequente tentativa de discussões sobre gênero em todos os setores.

Entretanto, a maneira como o mercado de trabalho se apresenta é um dos motivos que contribui para uma ampla desigualdade socioeconômica e, conseqüentemente, aumenta as desvantagens das mulheres nesse meio. Ademais, mesmo com a continuidade de discussões contribuindo para o progresso profissional feminino, as carreiras de mulheres e homens ainda seguem um padrão com raízes patriarcais, evidenciando estereótipos nas funções de trabalho nos dias de hoje.

Esses moldes são relativos à “natureza” feminina de cuidar de filhos, cuidar da família e se dedicar às atividades domésticas. Ou seja, mesmo com todo o avanço em discussões e melhorias nos cargos atualmente, muitas vezes, as mulheres são vistas como aptas apenas para trabalhos que necessitam de um perfil que seja compatível com essa tal “natureza”.

Essas atividades são as menos valorizadas, menos vistas e proporcionam pouca influência, como é compreendido no quadro *A Divisão do Trabalho* apresentado por Bordieu (1995), essa ideia promove o distanciamento e um menor crescimento de mulheres no mercado de trabalho.

Observando os dados de um modo geral, a taxa de mulheres à procura de trabalho ou com um trabalho efetivo é menor quando comparada à dos homens. Entre 2001 e 2008, enquanto a porcentagem de homens que participavam do grupo descrito anteriormente variava entre 80,5% a 81%, a participação de mulheres variava entre 54,1% e 57,6% (FONTOURA; GONZALEZ, 2009).

De 1995 até 2015, a taxa global que representa a população feminina ativa em trabalho diminuiu de 52,4% para 49,6%. Correspondendo a 27 pontos abaixo da população masculina ativa. Além disso, as mulheres ainda continuam sub representadas no trabalho em alguns setores e profissões.

Nos países de rendimento médio-alto, mais de um terço das mulheres estão empregadas em serviços do comércio por grosso e a retalho (33,9 por cento) e no setor industrial (12,4 por cento). Nos países de rendimento elevado, a principal fonte de emprego para as mulheres é nos setores da saúde e da educação, que empregam quase

um terço do total das mulheres no mercado de trabalho (30,6 por cento). A agricultura continua a ser a fonte mais importante de emprego para as mulheres nos países de baixo e de médio-baixo rendimento. (OIT, 2016, p. 5).

Além disso, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2016), o trabalho não remunerado (doméstico) continua com predominância feminina, fazendo com que elas realizem, duas vezes e meia, mais tarefas domésticas não remuneradas e de cuidados do que os homens.

Embora os homens tenham mais horas de atividade do que as mulheres, em empregos remunerados, as mulheres trabalham mais horas semanais que eles quando é feita a junção do trabalho remunerado e o doméstico que as mulheres, em maioria, costumam fazer.

Isso dificulta que as mulheres tenham uma maior dedicação ao trabalho, criando rotinas de exaustão ou de menor proatividade, ocasionando demissão, visto que a taxa de desocupação de mulheres ainda é maior em 2022 (ALVARENGA, 2022), cerca de 13,9%, contra 9% de homens na mesma situação.

### **2.3 A mulher na Matemática**

A variação nas relações entre gêneros ocorre de acordo com cada meio social, familiar, escolar, acadêmico, etc. Assim, como comentado anteriormente, os traços que são considerados femininos e masculinos mudam, mas ainda se apoiam em uma base de atributos predeterminada, como comentada anteriormente.

No meio acadêmico, evidentemente na Matemática, mesmo que haja uma crescente discussão sobre esse tema, ainda existem determinadas áreas em que a mesma ainda é rasa. Nelas, é possível observar que os traços de feminilidade e masculinidade (BEAUVOIR, 1970), se fazem presentes e se tornam determinantes em certos contextos.

O sistema de gênero binário “salta” e isso percorre desde quando há mais mulheres em certas áreas e homens em outras, como é influenciada a escolha dessas áreas, seguindo o conceito de segregação horizontal apresentado por Olinto (2011). Influencia, da mesma forma, o caminho no qual deverão percorrer na carreira profissional acadêmica, em relação a hierarquia, de acordo com o conceito de segregação vertical (SILVA, 2017).

Na Matemática, é notória a existência de uma minoria de mulheres que optam seguir uma carreira acadêmica e/ou profissional. A concentração de homens é maior, consolidando a ideia de destaque masculina, que se perpetua há anos, o “brilhantismo” (BRINSBIN e WITCHER, 2017), dando continuidade à baixa representatividade de mulheres, sendo elas excluídas de atividades que ofereçam maior prestígio, e o pouco debate sobre o motivo disso perpetua a situação.

Essa pouca representatividade de mulheres presentes nos ambientes matemáticos vai do ingresso na graduação até o doutorado, estendendo o cenário de poucas mulheres participantes também em pesquisas e publicações, como também, em palestras e demais eventos que proporcione destaque.

Em um contexto mais restrito, a quantidade de mulheres vinha sendo menor nas graduações de Licenciatura Matemática, cerca de 25,8%, que foram aprovadas no de 2005, e concluintes, menos de 42%, nesse mesmo ano, na Universidade Estadual da Paraíba (FERNANDES, 2006).

Em dados mais atuais e abrangentes, como visto no artigo de Christina Brech (2018), temos 42% de mulheres ingressantes na graduação, mas representa pouco expressivos 27% entre discentes de mestrado e 24% entre os discentes de doutorado.

Esse artigo também destaca as informações sobre o número de mulheres bolsistas, que consiste em menos de 12% no CNPq, na área de Matemática. No nível com mais alto reconhecimento, o 1A, elas representam menos de 10%. Outro fato que merece destaque é que,

nos anos iniciais de ensino, meninas demonstram mais interesse e aptidão pela Matemática do que meninos. Esse número diminui conforme a idade aumenta.

De acordo com o documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2018), embora os desempenhos de meninas e meninos tenham algumas diferenças de acordo com o continente e países, tanto na educação primária, quanto secundária, no Brasil, é possível observar que na diferença média de pontuação em matemática, meninas têm um melhor desempenho no 3º ano, enquanto no 6º ano, são os meninos.

Nesse estudo, é ressaltado alguns fatores interessantes, como os fatores biológicos. Mesmo ao considerar as diferentes estruturas cerebrais tanto na infância, entre meninas e meninos, como também na vida adulta, entre mulheres e homens, é possível afirmar que as áreas cerebrais responsáveis pela aprendizagem não apresentam diferenças entre gêneros, apenas alterações entre indivíduos.

De forma semelhante, estudos sobre a base neural da aprendizagem não concluíram que meninos e meninas dominam o cálculo ou outras habilidades acadêmicas de forma diferente, e que nenhuma diferença na composição do cérebro é capaz de explicar as diferenças de gênero nos resultados em matemática. (UNESCO, 2018, p. 41).

Nesse caso, embora aparente obviedade, no ambiente matemático, torna-se necessário reafirmar que, mesmo que as características corporais sejam diferentes, é comprovado que não há distinções entre mulheres e homens na forma de estruturar ideias mentalmente e de construir um aprendizado.

### **2.3.1 O trabalho da mulher na Matemática**

Diante todo o histórico de dificuldades e segregação das mulheres em diversos ambientes, sendo eles sociais, educacionais e profissionais, a baixa presença feminina atuando em posições de gerência no ambiente matemático já pode não ser vista como surpresa, embora devesse.

Durante ou ao finalizar os cursos de graduação em Matemática, é natural que estudantes em geral procurem trabalhos como professores, especialmente os que cursaram a licenciatura. Mas para as mulheres, essa opção pode vir a se tornar uma sobrecarga, devido aos afazeres domésticos, cuidado com os filhos e outros encargos que é de “padrão” para elas.

O trabalho das professoras de Matemática, na maioria das vezes, é mais prolongado do que o dos professores homens. Além dos agravantes exteriores a sua função, a consequência que eles trazem às carreiras femininas é uma menor produtividade, colocando-a em segundo plano ou alguma esfera de sua vida particular, como é mencionado por Fernandes (2006), em uma de suas entrevistas com professoras de Matemática.

Eu sou casada e tenho um casal de filhos. Dou aula na UVA (Universidade do Vale do Acaraú) aos sábados e ainda dou aula de reforço. Na escola são 20 horas em sala de aula e 20 horas de EPA (Estudo, Pesquisa e Atendimento). Eu tenho uma pessoa que vem faz a faxina e vai embora, mas o dia a dia fica comigo [...] O meu esposo nunca disse nada não, sobre a minha profissão, ele acha ruim quando eu ocupo muito meu tempo e fico sem tempo. Às vezes eu estou muito cansada, então ele reclama.  
**Professora A** (FERNANDES, 2006, p. 88).

De certa forma, sob essa perspectiva, esse talvez seja um dos motivos para que haja um número menor de mulheres em corpos docentes de Matemática, em instituições de Ensino Superior mas, outro ponto importante a ser lembrado é a questão dos preconceitos com mulheres na área. Cordeiro (2019) afirma que “Homens são naturalmente melhores em matemática do que as mulheres”. Certamente, toda pessoa, se já não falou ou ouviu algo relacionado, compreende essa verdade de maneira singela, como um interdito.

Esse seria o produto de todo o histórico que excluiu as mulheres das ciências exatas, que sempre estiveram em desvantagens na vida acadêmica, mas que nessas áreas em específico, os estímulos são menos desenvolvidos e a representatividade de mulheres vai ficando escassa, cada vez que é observado os postos superiores em uma escala de níveis acadêmicos.

Ou seja, da Graduação para Pós-graduações (Mestrados e Doutorados, respectivamente), o número de mulheres presentes no corpo docente diminui, cerca de 30% são professoras nos Departamentos de cursos de Graduação em Matemática, nas Universidades Federais brasileiras (NUNES, 2021), variando entre 0% e 59%, de acordo com cada Universidade e Campus. No corpo docente de Pós-Graduação, no ano de 2014, o número que representa as professoras fica em torno de 22%.

A carência da presença feminina se estende nas publicações, como é exposto por Brinsbin e Whitcher (2017), na plataforma *ArXiv*, do total de autores de publicações em Matemática, apenas 10,1% são identificadas como mulheres, mas, o curioso é que, cerca de 40,6% são de gêneros desconhecidos.

É comentado pelas autoras que essa ocorrência tem relação a alguns fatores, como a plataforma não identificar o gênero, devido a alguns sobrenomes serem muito utilizados, tanto por mulheres, quanto por homens, simultaneamente. Mas o fato é que, muitos nomes são abreviados de propósito e supõe-se que boa parte deles sejam de mulheres, buscando evitar a não valorização do seu trabalho publicado, ou até mesmo, para conseguir publicá-lo.

Na participação de eventos, Brech (2018), explana sobre dois grandes eventos de Matemática que ocorreram no Brasil, o I Congresso de Jovens Pesquisadores em Matemática Pura e Aplicada, ocorrido no Instituto de Matemática e Estatística, da Universidade de São Paulo (IME-USP) em dezembro de 2014, e o 30º Colóquio do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), em julho de 2015.

Analisando os números entre mulheres e homens pelas categorias de Comitê Organizador, Organizadores de Sessão, Palestrantes e Participantes, na primeira categoria de ambos os eventos, não há nenhuma mulher presente. Nas demais categorias, a presença delas é menor que 30%.

Entretanto, é interessante mencionar as iniciativas recentes que buscam discutir as dificuldades das mulheres além de seus trabalhos no ambiente matemático. Entre eles, está o *Parent in Science* que é um grupo formado por cientistas mães e pais, que surgiu com o objetivo de discutir sobre como a maternidade e paternidade impactam o ambiente científico brasileiro.

O *World Meeting for Women in Mathematics (WM)*<sup>2</sup> é um encontro mundial para mulheres Matemáticas, que abordam variados temas, ofertando plenárias e projetos com o intuito de dar destaque as mulheres. Da mesma forma, há o *Workshop de Mulheres na Matemática (WMM)*, o *Seminário de Mulheres nas Ciências*, ofertado pela Universidade de Brasília – UnB e o *Encontro Brasileiro de Mulheres Matemáticas (EBMM)*, ofertado pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

### 3 METODOLOGIA

Diante das observações feitas em relação aos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Matemática, foi visto como necessário a realização de uma investigação, considerando as relações de gênero no ambiente Matemático e o que o resultado poderia implicar.

A partir de uma pesquisa, com caráter inicial bibliográfico, visto que foram explanadas questões sobre a mulher em ambientes fundamentais para a compreensão em relação ao foco principal da pesquisa, segue se estendendo com caráter exploratório e descritivo, pois através de levantamentos e estudos específicos o intuito é fazer uma identificação de fatores que corroboram para a situação segundo o tema. Ou seja, como é citado por Gil (2007):

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc. Geralmente assumem a forma de levantamento. (GIL, 2007, p. 42).

Assim, foi realizado um levantamento nas instituições públicas de ensino superior da Paraíba, investigando como estão estruturadas as Coordenações de Graduação e Pós-Graduação, nos campus que ofertam cursos de Matemática. As instituições estudadas foram a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

A primeira etapa da pesquisa, constitui-se em um breve estudo e descrição de como funcionam as organizações estruturais das instituições no geral. A ideia é compreender de maneira eficaz o que faz cada parte de sua estrutura e quais atividades são trabalhadas nos cargos.

Em continuidade, foi feita a coleta de números que indicam a representação de gênero no corpo docente efetivo e a frente das Coordenações, tanto de Graduação, considerando Licenciatura e Bacharelado em Matemática, quanto Pós-Graduação (*Lato e Stricto Sensu*), considerando a área de Matemática e Educação Matemática, por meio de sites públicos de cada instituição e por contatos através de *e-mails*.

Por fim, foram coletados dados, a respeito das últimas três gestões das Coordenações de Graduação e Pós-Graduação, através de contatos por *e-mail* das coordenações, disponíveis nos sites públicos das instituições, com objetivo de fazer uma investigação mais detalhada, considerando posições administrativas e de gestão ocupadas por mulheres.

#### 4 ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DAS INSTITUIÇÕES

A estrutura das Universidades e Institutos públicos brasileiros podem variar, seja de acordo com seu porte e quantidade de graduações ofertadas, a entidade que eles representam (Estadual ou Federal) e/ou decisões internas que visam a melhor organização deles (OLIVEIRA, ANDRADE; ANASTÁCIO, 2018).

Na Paraíba, tem-se as Universidades Federais e Estadual, UFPB, UFCG e UEPB, assim como o Instituto Federal, IFPB, que ofertam cursos de graduação em Matemática. O que difere das Universidades para o Instituto é que as Universidades ofertam cursos de graduação e pós-graduação, enquanto o Instituto disponibiliza, além dos cursos de graduação, Ensino Médio, Especializações e Cursos Técnicos.

Todas essas instituições paraibanas possuem mais de um campus, distribuídos pelo estado, uns maiores que outros, em termos de porte. Sendo esse ponto que ocasiona a diferença estrutural entre os campus da mesma instituição, passando a ter ou não segmentos administrativos que se vê comumente nos campus sede.

Essas ações a torna extremamente importante para a interiorização e acesso da/na Educação Superior no Estado. Tal condição faz dessa IES a promotora de interconectividade e interdependência dos atores sociais na construção/socialização do conhecimento científico, na sistematização do saber e na valorização da diversidade cultural. (NEZ, 2016, p. 148).

Dentre os segmentos, estão a Reitoria, Centros Acadêmicos de Ensino (CAEs), Departamentos ou Unidades Acadêmicas e Coordenações de Curso, além de outros setores como Centros Acadêmicos Discentes de cursos, que são de organização do alunado, entre outros.

Os CAEs são responsáveis por reunir as organizações individuais dos cursos que são ofertados, denominados Departamentos/Unidades Acadêmicas e Colegiados/Coordenações de

Cursos. Em geral, os Departamentos e Unidades têm papéis semelhantes, que é de gerenciar e organizar questões relacionadas ao corpo docente dos cursos, enquanto as Coordenações, conduzem conteúdos voltados ao corpo discente (ABMES, 2002).

Das instituições citadas, apenas o IFPB não possui os mesmos setores nomeados em sua estrutura administrativa, mas é composto por uma organização com essência semelhante: Direção Geral (DG), Direção de Desenvolvimento de Ensino (DDE), Departamento de Ensino Superior (DES), Departamento de Ensino Técnico (DET) e Coordenação Pedagógica (CP).

No DES, estão as Coordenações de Curso, compostas pelo Coordenador e Coordenador Substituto, nas demais, são nomeadas como Coordenador e Vice-Coordenador. Na UFCG, tem-se a separação da coordenação em Coordenação de Licenciatura e Bacharelado, como também em Diurno e Noturno, na de Licenciatura.

As Pós-Graduações estão presentes em um CAE ou é específico de algum curso, pertencendo ao departamento. Nelas, estão à frente os Coordenadores e Vice-Coordenadores, que tratam sobre assuntos relacionados à gestão de processos referentes a funcionalidade do programa, desde a seleção de candidatos até alterações na estrutura regulamentar (UFCG, 2016).

## 5 LEVANTAMENTOS

Nesta seção, serão destacadas as informações recolhidas em torno do comportamento das coordenações, avaliando a quantidade e a posição de professoras no quadro efetivo/permanente nos cursos de Graduação (Licenciatura e Bacharel) e Pós-Graduação (*Lato e Stricto Sensu*) na área de Matemática e Educação Matemática.

A partir dos levantamentos feitos em cada campus que oferta o curso de Matemática, vê-se que atualmente, na Paraíba, a presença feminina no corpo docente permanente na Graduação em Matemática fica entre 12% e 60%, como se pode observar na Tabela 1.

**Tabela 1** - Informações sobre o corpo docente nas Graduações em Matemática na Paraíba.

Instituições	Campus	Total Docentes Permanentes	Mulheres Docentes	% de mulheres docentes
IFPB	Campina Grande	24	8	33,3
	Cajazeiras	15	9	60,0
UEPB	João Pessoa <sup>1</sup>			
	Campina Grande	25	11	44
	Monteiro	7	1	14,2
	Patos	3	0	0

	Campina Grande	32	4	12,5
UFCG	Cajazeiras	7	2	28,5
	Cuité	13	5	38,4
	João Pessoa	50	8	16,0
UFPB	Rio Tinto	22	10	45,4

**Fonte:** Elaborada pela autora, em 2022.

Não foi possível coletar as informações a respeito do IFPB<sup>1</sup>, campus João Pessoa, pois as tentativas de contato feitas, retratando sobre os docentes, não foram respondidas. Como também, no PPC do curso, a descrição sobre os docentes é feita por títulos, sem nomes ou gênero.

Já nas Pós-Graduações em Matemática, presentes no estado da Paraíba, a presença de mulheres no corpo docente permanente contextualiza um cenário de menor quantidade. Os números de professoras universitárias variam entre 0 e 36,3%, visto nos dados da Tabela 2.

**Tabela 2 -** Informações sobre o corpo docente das Pós-Graduações em Matemática na Paraíba.

Instituições	Campus	Total Docentes Permanentes	Mulheres Docentes	% de mulheres docentes
UEPB	PPGECM	11	2	18,1
	PROFMAT	11	4	36,3
UFCG	PPGMAT	15	0	0,0
	PROFMAT	10	1	10,0
UFPB	PPGMAT	34	4	11,7
	PROFMAT	12	2	16,6

**Fonte:** Elaborada pela autora, em 2022.

Vale ressaltar que o Programa de Pós-Graduação no Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM) é um programa interdisciplinar e tem seu corpo docente composto por profissionais de várias áreas, além da Educação Matemática e Matemática. Na tabela acima, os dados representam o número de professoras e professores que fazem parte da área de Matemática no programa.

Agora, analisando a composição da Coordenação de Graduação nas instituições estudadas (quadro 1), a partir da organização de cada campus, se tem as posições nomeadas Coordenador e Coordenador Substituto apenas no IFPB. Na UFCG, a composição varia a partir das Coordenações de Licenciatura Diurno, Licenciatura Noturno e Bacharelado. As demais, em geral, são nomeadas por Coordenador e Vice-Coordenador.

**Quadro 1** - Composição de Coordenações de Cursos de Graduação em Matemática.

Instituições	Campus	Composição da Coordenação de Graduação	Quantidade de Mulheres
IFPB	Campina Grande	Coordenador Coordenador Substituto	0
	Cajazeiras	Coordenador Coordenador Substituto	0
	João Pessoa	Coordenador Coordenador Substituto	0
UEPB	Campina Grande	Coordenador Vice-Coodenador	1
	Monteiro	Coordenador Vice-Coodenador	0
	Patos <sup>2</sup>	Coordenador Vice-Coodenador	0
UFCG	Campina Grande	Coordenador Lic. (Diurno) Coordenador Lic. (Noturno) Coordenador Bach.	1 <sup>3</sup>
	Cajazeiras	Coordenador	0
	Cuité	Coordenador (Diurno) Coordenador (Noturno)	0
UFPB	João Pessoa	Coordenador Vice-Coodenador	2
	Rio Tinto	Coordenador Vice-Coodenador	1

Fonte: Elaborada pela autora, em 2022.

Conforme o quadro 2, nas Coordenações de Graduação em Matemática presentes nos campus do IFPB não há sequer mulheres ocupando o cargo de Coordenador ou Coordenador Substituto na composição geral. Nas demais, a existência de mulheres é vista em alguns Campus e em outros, não.

No entanto, é relevante salientar que na UFCG<sup>3</sup>, no Campus de Campina Grande, uma única mulher está presente em duas Coordenações, a de Licenciatura (Diurno) e a de Bacharelado. E, em maior número, se tem apenas na UFPB duas mulheres presentes na composição total da Coordenação, no Campus de João Pessoa.

Já a composição das Coordenações dos Programas de Pós-Graduação é estruturada por Coordenador e Vice-Coodenador, a menos da UFCG. A quantidade de mulheres presentes

<sup>2</sup> Na UEPB - campus Patos, a vice-coordenadora era uma mulher que possui formação na área de Pedagogia. Atualmente, ela não faz parte da composição atual da Coordenação.

nessas coordenações é quase nula, havendo meramente uma mulher presente na composição do Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT), no Campus de Rio Tinto, da UFPB.

**Quadro 2** - Composição das Coordenações de Cursos de Pós-Graduação em Matemática.

Instituições	Programa	Composição da Coordenação de Pós-Graduação	Quantidade de Mulheres
UEPB	PPGCEM	Coordenador Vice-Coordenador	0
	PROFMAT		0
UFCG	PPGMAT	Coordenador	0
	PROFMAT		0
UFPB	PPGMAT	Coordenador Vice-Coordenador	0
	PROFMAT		1

Fonte: Elaborada pela autora, em 2022.

Os números obtidos induzem a construção de um comportamento sendo constituído. É observável que no primeiro momento, é notável que nas Coordenações de Graduação temos a presença de mulheres, enquanto que nas Coordenações de Pós-Graduações, essa presença é quase nula. Para compreender se esse é realmente um padrão, foi necessária uma investigação mais detalhada.

No quadro 3 abaixo, há informações a respeito das gestões de coordenação das instituições em relação à Graduação, descritas por gênero, seguindo a ordem de Coordenador e Vice-Coordenador, nomeadas por Gestão 1 a composição da coordenação atual, Gestão 2 e Gestão 3, as anteriores, respectivamente.

**Quadro 3** - Composição das últimas três gestões Coordenações de Cursos de Graduação em Matemática.

Instituições	Campus	Gestão 1	Gestão 2	Gestão 3
IFPB	Campina Grande	1 homem 1 homem	-	-
	Cajazeiras	1 homem 1 homem	-	-
	João Pessoa	1 homem 1 homem	-	-
UEPB	Campina Grande	1 mulher 1 homem	1 mulher 1 mulher	1 mulher 1 mulher

	Monteiro	1 homem 1 homem	-	-
	Patos	1 homem	1 homem 1 homem	1 homem 1 homem
UFCG	Campina Grande	1 mulher 1 homem 1 mulher <sup>4</sup>	1 mulher 1 homem 1 mulher <sup>4</sup>	1 mulher 1 homem 1 mulher <sup>4</sup>
	Cajazeiras	1 homem	-	-
	Cuité	1 homem 1 homem	-	-
UFPB	João Pessoa	1 mulher 1 mulher	1 homem	1 mulher
	Rio Tinto	1 homem 1 mulher	-	-

Fonte: Elaborada pela autora, em 2022.

É importante mencionar que não houve retorno de todos os que foram contactados e que nas *Gestões 2 e 3*, na UFPB de João Pessoa, apenas foram informados os Coordenadores. Na UFCG<sup>4</sup>, em Campina Grande, a mesma mulher tem continuado da *Gestão 3* até a *Gestão 1* ocupando as duas coordenações, já explicitadas antes.

Analisando os dados, se pode notar que o comportamento induzido é que há uma frequência maior na ocupação de mulheres em coordenações de Graduação, nos campus sede (que comportam a reitoria), que ofertam os programas de Pós-Graduações, como é o caso da UEPB Campina Grande, UFCG Campina Grande e UFPB João Pessoa, ocorrendo o oposto nas próprias coordenações de Pós-Graduação, como descrito no quadro 4.

**Quadro 4** - Composição das últimas três gestões Coordenações de Cursos de Pós-Graduação em Matemática.

Instituições	Programa	Gestão 1	Gestão 2	Gestão 3
UEPB	PPGCEM	1 homem 1 homem	1 homem 1 mulher <sup>5</sup>	1 homem 1 mulher <sup>5</sup>
	PROFMAT	1 homem 1 homem	1 homem 1 homem	1 homem 1 homem
UFCG	PPGMAT	1 homem	1 homem	1 homem
	PROFMAT	1 homem	1 homem	1 homem
UFPB	PPGMAT	1 homem 1 homem	-	-
	PROFMAT	1 mulher 1 homem	1 homem 1 homem	1 homem 1 homem

**Fonte:** Elaborada pela autora, em 2022.

Analisando as gestões atuais, há uma mulher no quadro geral, como observado previamente. Nas Gestões 2 e 3 o panorama permanece sendo o mesmo, mudando apenas a instituição e, conseqüentemente, o programa, que nesse caso é o PPGECEM.

Entretanto, por este ser um programa interdisciplinar<sup>5</sup>, como comentado anteriormente, pessoas com outras formações podem estar à frente da Coordenação, que é o que acontece nas gestões anteriores 2 e 3, a mulher que está à frente pertence ao Departamento de Biologia da UEPB.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as mulheres estejam presentes como discentes e docentes, nas Graduações e Pós-Graduações de Matemática, como também nas posições administrativas principais, ainda há um molde para essas “conquistas”. Por questões histórico-sociais, a presença feminina sempre foi excluída de vários ambientes e atividades, quando não eram direcionadas ao que não lhes permitia vislumbre e destaque.

O trabalho em Coordenações de Curso de Graduação demanda tempo, pois lida com questões diretamente ligados aos discentes em grande número, considerando que o ingresso de graduandos é maior que mestrandos e doutorandos. Este público, muitas vezes, dificulta o desenvolvimento de outras atividades, como publicações e eventos que, geralmente, é o mecanismo que torna um professor/pesquisador universitário mais visível (MIHALJEVIĆ-BRANDT; SANTAMARÍA; TULLNEY, 2016).

Neste caso, por essa posição proporcionar a "invisibilidade", é considerável pensar que esta seja uma das razões que esclarece a repetição de mulheres nas Coordenações de Graduação nos câmpus que ofertam os programas de Pós-Graduação, mesmo que estejam consideravelmente em menor número no corpo docente, não ocorrendo o mesmo nas Coordenações de Pós-Graduação.

Ainda que a escolha de coordenadores seja, em geral, por votações dos docentes (ou eleições que incluem o corpo discente), é notável um padrão de repetição masculina nas Coordenações de Pós-Graduação e feminina nas Coordenações de Graduação onde aquelas existem. Posto isso, ficam os questionamentos: isso ocorre porque mais homens se candidatam para coordenar as Pós-Graduações? Ou será que os docentes tendem a escolher quem representa a maioria deles, que são os homens?

As questões aqui desenvolvidas precisam de mais espaço para o debate, com constância e continuidade, no ambiente matemático. Visto que, além dos desafios já explanados em relação às mulheres, o número de trabalhos que enfatizam a respeito dessas questões nesse ambiente é escasso. E trabalhos a respeito da análise de coordenações de Matemática, até então, é inexistente, caracterizando como uma limitação da presente discussão.

Assim, podem ser imaginadas inúmeras justificativas que caracterizam as condições de gênero nas coordenações, mas, analisando ao longo de toda a história, é nítido que as posições que oferecem mais destaque sempre foram ocupadas por homens. É um padrão que segue com continuidade e sendo repassado, mesmo que não seja percebido. Embora a função de Coordenadora do curso de graduação seja uma posição que caracteriza poder, ela não proporciona a mesma visibilidade que a função de Coordenador de pós-graduação.

Por este motivo, os homens tendem a ter interesse e a se repetir nas Coordenações de pós-graduação, não viabilizando as mesmas chances às professoras, “sobrando”, então somente, o cargo na coordenação da graduação para elas. Já nos campus que não ofertam as pós-graduações, a posição mais alta naquele ambiente é justamente a de coordenação de graduação, conseqüentemente, é visto que não acontece o mesmo padrão de mulheres a frente, mas sim, homens.

É necessário que sejam elaboradas conversas na Matemática, que proporcionem a todos que estão presentes nela, o entendimento do que é o gênero, de maneira profunda e reflexiva, destacando como se dão as suas relações, considerando todo o seu histórico e a atualidade e as consequências que trazem ela, tal como ela está representada. Assim como, também, é importante que haja incentivos à pesquisa referente temas que abordam sobre mulheres em mais contextos nesse ambiente.

A intenção presente em toda a discussão já produzida, não é que apenas professoras devam ocupar esses cargos de gestão, para representar e atrair mais mulheres ao ambiente matemático. Mas que as condições e os incentivos sejam equitativos. Assim, com esses investimentos, a Matemática se apresentará às mulheres como um lugar que lhes pertence.

## REFERÊNCIAS

ABMES. Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior. **Funções do Coordenador de Curso: Como “Construir” o Coordenador Ideal.** Brasília - DF: 2002.

ALVARENGA, D. Mulheres são a maioria dos desempregados; 45,7% das que têm idade de trabalhar estão ocupadas. *In: G1*, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/mulheres-sao-a-maioria-dos-desempregados-457percent-das-que-tem-idade-de-trabalhar-estao-ocupadas.ghtml>. Acesso em: 18/10/22.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: I fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRECH, C. O dilema Tostines' das mulheres na matemática. **Revista Matemática Universitária**, v. 54, p. 1-5, 2018.

BRISBIN, A.; WHITCHER, U. **Women’s Representation in Mathematics Subfields Evidence from the arXiv.** ArXiv, v. 1, 2017.

BULLOCK, Susan. **Women and work.** Nova Jersey, Zed Books Ltd., 1994.

CORDEIRO, J. C. de A. **Entre Mitos e Interditos: uma reflexão sobre a segregação feminina na matemática.** 2019. 76 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico no Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

FERNANDES, M. da C. V. **A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero.** 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

FONTOURA, N. de O.; GONZALEZ, R. H. S. **Aumento da Participação de Mulheres no Mercado de Trabalho: Mudança ou Reprodução da Desigualdade?** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 1. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

IMPA. Desigualdade de gênero é realidade global na matemática. *In*: Instituto Matemática Pura e Aplicada. Brasília, 11 Fev. 2020. Disponível em: <https://impa.br/noticias/desigualdade-de-genero-e-realidade-global-na-matematica/>. Acesso em: 22 Set. 2022.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, p. 17-23, 2008.

MIHALJEVIĆ-BRANDT, H.; SANTAMARÍA, L.; TULLNEY, M. The effect of gender in the publication patterns in mathematics. **PLoS One**, v. 11, n. 10, p. e0165367, 2016.

NEZ, E. de. Os dilemas da gestão de universidades multicampi no Brasil. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 9, n. 2, p. 131-153, 2016.

NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero**. Nova York: Cornell University Press, 1999.

NUNES, M. S. A. **A desigualdade de gênero na matemática**: aspectos históricos e atuais. 2021. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

OIT. **Mulheres no trabalho**: Tendências 2016. Organização Internacional do Trabalho. Genebra: OIT, 2016.

OLIVEIRA, J. C; ANDRADE, L. N; ANASTÁCIO, Simone A F. A Redepartamentalização e Reestruturação Organizacional das Universidades Federais Brasileiras: Contextos e Perspectivas. *In*: Encontro de Iniciação Científica, 12., 2018, Alegre. Anais [...]. Alegre: UFES, 2018.

ROCHA, R. A. da; COELHO, E. R. de S. **Relações de Gênero e Matemática**. 2021-2022. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba.

SILVA, Maria Gabriela Evangelista Soares da. A Mulher Pesquisadora e sua Invisibilidade nos Campos da Matemática e da Física. *In*: Congresso Mundos de Mulheres, 13., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017.

SOUZA, M C R F; FONSECA, M C F R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e Discurso**: enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

UFCG. Serviço Público Federal. Conselho Universitário. Câmara Superior Pós-Graduação. **RESOLUÇÃO Nº. 03/2016**. Regulamento Geral dos Cursos e Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, PB: UFCG, 2016.

UNESCO. **Decifrar o código**: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Brasília: UNESCO, 2018.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço aos meus pais e família, por todo apoio antes e ao longo da jornada acadêmica. Principalmente, minha mãe (*in memoriam*), que embora não esteja conosco fisicamente, foi quem mais me incentivou à dedicação aos estudos.

À Pétrus e sua família, por todo amor, cuidado, incentivo e amparo ao longo de todos os anos que caminhamos juntos. Foram personagens importantes na minha formação acadêmica.

À Manu, coordenadora do curso de Matemática, minha orientadora e amiga, agradeço por toda orientação, acadêmica e particular. Se tornou uma pessoa essencial na minha continuidade na universidade e, ainda mais, na vida.

À minha Tia Valdisa, por me apoiar de diversas maneiras.

Aos meus amigos Karine, Micaelle, Priscilla, Ramona, Thalisson, Israel e Matheus que me apoiaram sempre antes e durante esse período.

Aos grandes amigos da universidade Ciência, Eduardo, Emerson, Aline, Hansdonner, Larissa e aos demais que fizeram parte da jornada.

Aos amigos que fiz em eventos, Gabriel, Gilson Jefferson, Leonardo, Matheus, Daniel e João, por toda ajuda e diversão.

Aos amigos do ônibus, Jainne, Thairam, Márcio, Yanne, Wellerson e Neto.

Aos professores, que contribuíram com o conhecimento da Matemática e Educação Matemática para minha formação.

À Coordenação de Matemática, pelo trabalho eficiente.

À FAPESQ, por contribuir na pesquisa.

Às professoras e professores que contribuíram com a pesquisa.

E, não menos importante, à professora Dra. Pammella e o professor Me. Matheus, da banca examinadora, pela participação e contribuição.